

## **Homilia feita por sua Beatitude Nerses Bedros na Basílica de S. Bartolomeu all'isola Tiberina**

Queridos irmãos e irmãs.

Esta sagrada Basílica, dedicada ao apóstolo e Santo Bartolomeu, tornou-se um grande reliquiário. De facto depois da grande solenidade do ano santo de 2000, para honrar os mártires do vigésimo século, celebrado no Coliseu, cerimónia que foi presidida pelo Venerável papa João Paulo II, esta Basílica foi entregue à Comunidade de Sant'Egidio que, reuniu nela as relíquias dos mártires de todas as nações, para dar ao popolo romano a oportunidade de venerar estes grandes testemunhas na fé cristã de todo o mundo.

Na língua armena, a palavra “v'ga” significa ambas realidades: testemunha e mártir. Mas, na verdade, o mártir é aquele que dá o seu grande testemunho, sacrificando a sua vida para Cristo e para o Evangelho.

No catêcismo da Igreja Católica lê-se: “o martírio é o testemunho supremo dado à verdade da fé; o mártir é um testemunho que chega até a morte. Ele dá testemunho a Cristo, morto e resuscitado, ao qual é unido na caridade. Dá o seu testemunho à verdade da fé e da doutrina cristã. Enfrenta a morte com um acto de firmeza” ( n. 2473)

Esta definição do martírio adequa-se perfeitamente ao nosso herói da fé, o arcebispo de Mardin, Inácio Maloyan. De facto, o arcebispo Maloyan, chefiando uma coluna de 416 futuros mártires, foi muitas vezes tentado de renegar a fé cristã para salvar a sua vida terrestre para receber as honras prometidas pelo tentador. O valioso araldo de Cristo escolheu a vida celeste, sigilando com o seu sangue a sua convicta fé de cristão e bispo.

Este corajoso pastor, depois de ter presentido o aproximar-se do momento supremo, escreveu o seu testamento para aqueles que o Senhor lhe tinha confiado, seus queridos sacerdotes e o rebanho de fiéis, exortando-os a permanecer firmes na fé, pondo a esperança na Santa Cruz e considerando como uma grande honra, o facto de misturar o seu sangue com aquele dos mártires e dos grandes santos da Igreja.

Inácio Maloyan recebeu a sua primeira educação no seio da casa paterna na cidade de Mardin, onde o seu predecessor, também ele confessor da fé, tinha semeado os princípios sólidos da doutrina católica recebida dos nossos Santos Pais. A sua formação desenvolveu-se no Convento patriarcal de Bzommar, em Líbano, para mais tarde desembarcar no seu apostolado sacerdotal em Alexandria do Egípto, em Constantinopolis e em Mardin, cidade para a qual foi consagrado bispo em 1911. A sua cidade viu-lhe nascer, mas o santo homem morrerá fora dos seus muros, como Jesus que morreu fora dos muros de Jerusalém.

Desde o ano 301 d.c, data em que a nação armena escolheu a religião do amor universal deixando fora as outras crenças, tornando-se assim a primeira nação cristã na história, o povo armeno aprendeu “quanto ele deve sofrer por causa do nome de Cristo” (Act 9,16) assim como foi para São Paulo, apóstolo e mártir por excelência, e que este ano comemoramos dois mil anos do seu nascimento.

Aqueles que precederam o arcebispo de Mardin pela estrada do calvário, começando das virgens Hripsimianz, no início do IV século, até ao padre Gomidas em 1707, martirizado em Constantinopolis por causa da sua fé e beatificado pelo Papa Pio XI em 1929, para culminar com o genocídio do vigésimo século; somente Deus conhece os seus nomes e o seu número. Diante das crenças intransigentes dos costumes violentos dos povos fronteiriços da Arménia, os armenos

proclamaram a intransigência do Evangelho e a mansidão dos costumes familiares; o sacrifício, constituindo para alguns o único e o último testemunho possível.

Que este heroico testemunho para a fé e a verdade, que acompanhou os nossos pais e avôs para a vitória eterna sacrificando as suas vidas, seja para nós um exemplo de testemunho a seguir nos nossos pensamentos e nas nossas actividades diárias.

Por ocasião do 1700º Aniversário do Baptismo do Povo Armeno, que teve lugar em 2001, o Papa João Paulo II, de venerável memória, publicou em sete línguas uma Carta Apostólica, da qual me lembro esta significativa passagem: “o componente do martírio constitui um elemento constante na história do vosso povo. A fé continua indissolúvelmente ligada ao testemunho do sangue derramado para Cristo e para o Evangelho.

Toda a cultura e a espiritualidade dos armenos são compostos pela firmeza e pelo sinal supremo do dom da vida e do martírio” ( n. 4)

Numa outra passagem o Papa escreve “Ao Povo armeno desejo antes de tudo exprimir a minha gratidão pela longa história de fidelidade à Cristo, fidelidade que conheceu a perseguição e o martírio. Os filhos da Arménia cristã derramaram o seu sangue para o Senhor, mas toda a Igreja cresceu e enrobusteceu-se em virtude do seu sacrifício. Se hoje o Ocidente pode professar livremente a sua fé, isto deve-se também ao sacrifício daqueles que se imolaram fazendo do seu corpo uma defesa para o mundo cristão, quando este estava nas suas extremas propagações. A morte deles foi o preço da nossa segurança: “vestiam vestes brancas e traziam palmas na mão. Em voz alta, a multidão proclamava. « A salvação pertence ao nosso Deus que está sentado no trono, e ao Cordeiro», ( cfrº Ap. 7,9-12)” ( n. 7)

Apraz-me lembrar que, segundo a tradição armena, São Bartolomeu é considerado, juntamente com São Tadeu, o apóstolo por excelência da nação armena. Esta Basílica é a Igreja onde o meu predecessor, o celebre Catholicos Patriárca Grégorio Pedro XV Cardeal Agagianião era titular. Quero por isto, a partir desta Basílica dirigir as minhas calorosas saudações ao actual titular S.E.R Francis Eugene Cardeal George, O.M.I.

O meu reconhecimento e gratidão vai para a Comunidade de Sant’Egidio: ao fundador, responsáveis e membros por terem organizado esta cerimónia e por ter dado valor aos tesouros da Igreja no Santo martírio do povo armeno, henriquecendo as relíquias aqui depositadas com aquilo que ainda existe do Beato Maloyan, martirizado no deserto, UMA CARTA MANUSCRITA

Que o sangue do nosso Beato Arcebispo Maloyan e dos seus 416 companheiros seja um novo fermento para a obra da nova evangelização, que nos leva para a Europa do Leste e sobretudo para a Arménia. Este é o fermento da fé iluminadora que recebemos do fundador da nossa Igreja São Grégorio Iluminador.

Nerses Bedros XIX

Catholicos Patriárca da Cilícia dos Armenos.

